

PRÁTICAS E REFLEXÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Telma Lucia Bezerra Alves

telmalucix@hotmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais,
Universidade Federal de Campina Grande, UFCG

Aldo Gomes Leandro

aldo.uepb@gmail.com.br

Professor Substituto Departamento de História e Geografia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Renata da Silva Barbosa

renata.barbosa87@yahoo.com.br

Geógrafa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

A formação de professores constitui uma questão central da educação brasileira, necessitando uma reflexão mais ampla a respeito da natureza e dos objetivos das licenciaturas. Para isso há que se realizar uma análise da trajetória da Geografia como ciência e como disciplina escolar, identificando os aspectos de proximidade e de divergência entre ambas e as avaliações dos relatos dos estágios já ocorridos. O Estágio da Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande, apresenta algumas características que devem ser repensadas. Sendo assim, o presente trabalho visa contribuir com essa perspectiva trazendo para a discussão científica uma experiência de estágio supervisionado vivenciada em uma turma do 9º ano "C" da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, em Campina Grande-PB. Discute-se em primeiro lugar, o processo de institucionalização da Geografia no Brasil, a evolução do ensino, as mudanças na concepção de estágio e o processo ensino-aprendizagem. Os principais resultados mostraram que é preciso desmistificar a concepção corrente na maioria das Universidades brasileiras de que o estágio é uma mera aplicação de técnicas e conteúdos, reconhecendo que este, na verdade, é uma oportunidade de parceria entre a Universidade e a Escola, onde se produz conhecimentos e se gera reflexões. Ainda convém lembrar, que se faz necessário avaliar constantemente o processo didático de ensino e aprendizagem, buscando novas maneiras de dinamizar as aulas, e as transposições didáticas dos conhecimentos científicos para a educação escolar, uma vez que os alunos geralmente se mostram interessados em metodologias diferenciadas, que atraíam sua atenção e estejam relacionadas com a sua realidade.

Palavras-chave: estágio supervisionado, ensino de geografia, formação do professor.

REFLECTIONS ON THE PRACTICE AND SUPERVISED IN GEOGRAPHY IN THE UNIVERSITY OF PARAÍBA

ABSTRACT

The training of teachers is a central issue of Brazilian education, requiring a broader reflection of the nature and objectives of degrees. That has to be carried out an analysis of the trajectory of Geography and science and as school discipline, identifying the aspects of proximity and divergence between both and evaluations of the reports of the courses already occurred. The Stage of Licentiate in Geography, State University of Paraíba, campus I, Campina Grande, presents some characteristics that must be reconsidered. Thus, this work seeks to contribute with this perspective bringing to the scientific debate an experience of supervised trainee experienced in a class of 9 year "C" of the School Estadual Basic Education for the application, at Campina Grande-PB. Discusses-firstly, the process of institutionalization of Geography in Brazil, the development of education, changes in the design of the probationary period and teaching-learning process. The main results showed that we must demystify the design flow in the majority of Brazilian universities that stage is a mere application of techniques and content, recognizing that this, indeed, it is an opportunity of partnership between the University and the School,

Recebido em 18/07/2011

Aprovado para publicação em 10/08/2011

which produces knowledge and generates reflections. Yet we should remember, that it is necessary constantly to evaluate the didactic process of teaching and learning, seeking new ways of boosting the classes, and the transposition of scientific knowledge didáticas for school education, since the students generally interested in methodologies differentiated, which attract your attention and are related to its reality.

Key-words: supervised trainee, geography teaching, training of teachers.

INTRODUÇÃO

A Geografia no âmbito do ensino fundamental e médio ainda é caracterizada pela reprodução: a geografia “decoreba”. Tal perspectiva coloca-se como um fator que dificulta a alfabetização geográfica a partir de construção de conceitos e do domínio de técnicas que estimulem os alunos e professores a pensar e agir criticamente na realidade em que vivem, buscando a transformação socioespacial a partir do exercício da cidadania.

Nos últimos anos diversos documentos oficiais e acadêmicos fazem referência à crise do ensino de geografia a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio, no contexto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). O discurso dos PCNEM apresenta ambiguidades de forma a se legitimar junto a diferentes grupos sociais, sejam aqueles que trabalharam em sua produção ou aqueles que trabalham na sua implementação e análise.

As finalidades educacionais dos PCNEM visam especialmente formar para a inserção social no mundo produtivo globalizado. Em decorrência dessas finalidades é que se defende uma postura crítica em relação a esses parâmetros (LOPES, 2002). Nos documentos citados, aparecem também algumas discussões a respeito de “como se ensina a Geografia”, sua trajetória, evolução e sua relação com os processos econômicos, sociais, culturais e políticos atuais. Porém, deve-se considerar a distância entre a geografia acadêmica, universitária, científica e a geografia escolar.

A transposição didática dos conteúdos dessa ciência para a educação básica é urgente, porém, a escola não deve ser vista como lugar de aplicação de técnicas e conteúdos, mas um local de produção de saberes. Os entraves a esse processo são diversos, a exemplo das precárias condições de trabalho do professor na escola – baixos salários, elevada carga horária, carência de recursos didático-pedagógicos, desvalorização do planejamento escolar. Na universidade, palco da formação inicial, esses entraves são encontrados na desvalorização das licenciaturas em relação aos cursos “técnicos” e no descompasso entre os conteúdos específicos da geografia e aqueles de cunho didático-pedagógico.

A fase considerada “decisiva” na formação inicial dos professores são os estágios, quando os alunos são direcionados a regência nas escolas. A concepção de estágio predominante nas universidades brasileiras ainda é o de aplicação de técnicas e transmissão de conteúdos. Aprofundar a discussão dos estágios pode contribuir para a superação desse círculo vicioso, estimulando o licenciando a repensar a sua prática enquanto professor em formação e futuro profissional.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal apresentar as experiências e observações realizadas durante o estágio supervisionado realizado no 9º ano “C” da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação, em Campina Grande-PB, como parte das atividades do componente curricular Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campus I. Todo o processo de planejamento foi realizado em sala de aula, visando à identificação dos possíveis problemas, construindo possibilidades de resolução. Para introduzir a discussão, será abordado o processo de institucionalização da Geografia no Brasil, sua evolução, seus principais conceitos e abordagens metodológicas, bem como questões referentes ao processo ensino-aprendizagem e ao componente curricular Estágio Supervisionado. Posteriormente, apresenta-se o diagnóstico da referida Escola, para verificação das formas de ensino e da realidade vivenciada pelos alunos.

Em seguida, aborda-se o estágio supervisionado, desde a observação das aulas ministradas pelo professor regente até a fase de regência propriamente. Por fim, apresenta-se o Projeto elaborado na ocasião do estágio, desenvolvido em sala de aula, bem como os resultados obtidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estágio supervisionado é um importante componente curricular dos cursos de licenciatura, oportunizando a relação entre o conhecimento didático-pedagógico, técnicas e saberes adquiridos pelo licenciando no decorrer de sua formação inicial e o confronto desses conhecimentos com a experiência prática em sala de aula nas escolas hospedeiras.

Segundo Malisz (2007), o estágio pode ser compreendido como um ponto de contato entre a universidade, a educação básica e a comunidade. Como prática pedagógica, o estágio promove a articulação de importantes funções para o licenciando como a formação inicial, a pesquisa do espaço escolar e a prestação de serviços da universidade à comunidade escolar.

De acordo com Pimenta & Lima (2009), estágio é uma atividade prática e teórica onde, numa compreensão filosófica e sociológica, “a noção de ação é sempre referida a objetivos, finalidades e meios, implicando a consciência dos sujeitos para essas escolhas, supondo certo saber e conhecimento”, a aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, é míope, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.

O estágio não pode ser considerado como a parte prática do curso ou da formação do estudante. Ele é um dos momentos da formação que possibilita a interação mais próxima com a realidade onde o futuro profissional irá atuar, possibilitando-lhe reflexões a respeito da mesma. Como ato educativo escolar desenvolvido no ambiente de trabalho, o estágio pode ser considerado uma atividade, simultaneamente, teórica e prática. Deste modo, deve-se ser trabalhada a concepção de integração dessas duas esferas do conhecimento, dando os primeiros passos para a construção de uma nova identidade do estágio, livre de dicotomias e separações.

O professor é considerado um profissional autônomo, que reflete, toma decisões e cria durante sua ação pedagógica, a qual é entendida como um fenômeno complexo, singular e instável e carregado de incertezas e conflitos de valores. De acordo com essa concepção, a prática não é apenas *locus* da aplicação de um conhecimento científico e pedagógico, mas espaço de criação e reflexão, em que novos conhecimentos são, constantemente, gerados e modificados (DINIZ-PEREIRA, 1999).

Deste modo, entende-se que o contato com a prática docente deve aparecer desde os primeiros momentos do curso de formação, objetivando adaptar os alunos à dinâmica escolar. Além disso, valoriza um modelo alternativo de formação, que vem se consolidando e tornando-se expoente na formação dos professores, que é o modelo de racionalidade prática, onde os licenciandos levam para as discussões teóricas as problemáticas e questionamentos que surgem associados ao envolvimento dos mesmos com a prática docente. Esse modelo surge a partir da crítica a supervalorização da racionalidade técnica, buscando alcançar um equilíbrio satisfatório entre teoria e prática, minimizando assim as dicotomias presentes nas Licenciaturas.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, o professor tem papel importante no cotidiano escolar uma vez que é insubstituível no processo de ensino-aprendizagem. É o especialista do componente curricular, cabendo-lhe o estabelecimento de estratégias de aprendizagem que criem condições para que o aluno adquira a capacidade para analisar sua realidade de um ponto de vista geográfico.

É necessário ressaltar que o trabalho do professor está respaldado em um conjunto de procedimentos didáticos que viabilizam o processo de ensino e aprendizagem, como a compreensão dos métodos, sua relação com os conteúdos, o planejamento e a avaliação.

O Plano é considerado uma etapa inicial do processo de ensino-aprendizagem, norteando as ações do professor para que este alcance os objetivos desejados. Sobre isto, afirma Libâneo (1994):

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do Planejamento escolar – objetivos, conteúdos e métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações.

No âmbito da aprendizagem, é interessante considerar que o conhecimento não está no objeto e também não está no sujeito, e sim na coordenação entre sujeito e objeto. Acredita-se ser função do professor identificar o conhecimento construído pelo aluno sobre o tema trabalhado e criar circunstâncias para que ele utilize suas ferramentas da inteligência e avance do conhecimento empírico para o conhecimento sistematizado e científico. A aprendizagem efetiva, por parte dos alunos, reflete a eficiência planejamento, na medida em que este se constitui um mediador entre o aluno e o conhecimento.

A formação de professores constitui uma questão central da educação brasileira, necessitando uma reflexão mais ampla a respeito da natureza e dos objetivos das licenciaturas. O modelo de formação do professor da educação básica origina-se nos anos 1930, e ainda predomina, caracterizando-se por uma organização curricular que prevê dois conjuntos de estudos: de um lado, as disciplinas técnico-científicas e, de outro, as disciplinas didático-(psico)pedagógicas.

Esse modelo clássico, segundo Pontuschka (2007) ficou conhecido como “ ‘modelo 3+1’, ou seja, três anos de bacharelado mais um ano de formação pedagógica – que muitos consideram como licenciatura - acrescida de estágio supervisionado”. O modelo 3 + 1 reforça o caráter técnico da atuação docente, pautado na aplicação de conhecimentos técnicos e pedagógicos desvinculados da reflexão teoria-prática e dos contextos locais, aspecto que se estende até a formação continuada. Essa minimização das disciplinas pedagógicas contradiz a idéia de um curso de licenciatura no qual não deveria ocorrer essa supervalorização das disciplinas técnicas em detrimento das pedagógicas, mesmo porque nas atividades de docência os conteúdos científicos, técnicos devem se revestir de linguagens e abordagens bastante didáticas e coerentes com o nível de conhecimento dos alunos.

Ainda de acordo com Pontuschka (2007), a formação de professores para a escola básica em cursos de licenciatura plena deve seguir os princípios norteadores propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN): a competência como concepção nuclear na orientação do curso, ou seja, que o profissional, além de ter conhecimentos sobre seu trabalho, saiba também mobilizá-los, transformando-os em ação; a coerência entre formação e exercício profissional, ou seja, que haja coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro do professor; a pesquisa como elemento essencial na formação docente.

Desta forma, revela-se necessário ao professor ter cada vez maior intimidade com o processo investigativo, uma vez que os conteúdos com os quais ele trabalha são construções teóricas fundamentadas na pesquisa científica, lembrando sempre que esses conteúdos são adaptados à realidade dos alunos.

Quanto ao objetivo da prática de ensino de geografia, várias discussões são realizadas com a perspectiva de desmistificar idéias incorporadas por muitos graduandos, as quais o levam a pensar que na Prática de ensino irão “aprender a dar boas aulas”. Na verdade o que ocorre são reflexões sobre os vários componentes do ensino (forma, conteúdo, realidade dos alunos, dentre outros) e algumas intencionalidades ou objetivos.

É necessário inventar um novo professor que conviva com as tecnologias e consiga fazer a transposição didática da Geografia acadêmica para a aprendizagem dos alunos do ensino básico. É preciso que esse novo professor crie circunstâncias desafiadoras para que os alunos trabalhem com operações e avancem do conhecimento empírico para o conhecimento sistematizado. A responsabilidade da disciplina de Prática de ensino é a formação do professor pesquisador, que, com sua postura, eduquem seus alunos para serem pesquisadores, observadores, identificadores e analisadores de problemas e buscadores de soluções (PASSINI; PASSINI e MALYSZ, 2007).

Logo, a disciplina Prática de ensino proporciona momentos de reflexões indispensáveis ao professor em formação, visando estimular sempre a análise da junção entre teoria e prática, buscando um desempenho qualitativo e satisfatório nas funções educativas.

ALGUMAS NOTAS SOBRE O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA

A Geografia, como Ciência da sociedade e da natureza, pesquisa o espaço produzido pelas sociedades humanas ao longo dos processos históricos. No Brasil, percebe-se importantes momentos ligados a História, que contribuíram para a evolução da Geografia. No Período Colonial, não se deu a institucionalização da Geografia como Ciência, mas já havia um olhar geográfico nos cronistas coloniais, que fizeram as primeiras descrições da Terra, do seu povo, e de suas paisagens.

O Período Imperial caracteriza-se pela continuidade do trabalho dos naturalistas que vieram ao Brasil para estudá-lo. Alguns autores abordam esse processo, destacando-se as importantes obras como Casa Grande e Senzala (1933), de Gilberto Freyre, Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, Formação Econômica do Brasil (1942), de Caio Prado Júnior e Geografia da Fome (1946), de Josué de Castro. Esses autores, embora não sejam geógrafos, acabaram produzindo livros voltados para o conhecimento da realidade brasileira e trouxeram uma substancial contribuição ao desenvolvimento da Geografia brasileira.

Nos anos 1930, com a institucionalização da Geografia, aumentam os estudos superiores, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo (Universidade pioneira - USP), criando-se sob a inspiração de Pierre Deffontaines, a AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros, 1934), a normatização da disciplina no ensino básico de alguns estados, a criação, pelo Estado, do Conselho Nacional de Geografia (1937) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1939). Tais atos, interligados, rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país.

O conhecimento geográfico no Brasil recebeu a influência das várias correntes de pensamento, desde aquelas influenciadas pela Escola de Vidal de La Blache, até as contemporâneas. Destacam-se o positivismo e neopositivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico e dialético. Ainda convém lembrar que ao longo do processo de consolidação da geografia como ciência surgiram as categorias de análise como região, lugar, espaço, território e paisagem.

Na atualidade, percebe-se, como afirma Vesentini (2000) que os avanços da revolução técnico-científica e a globalização, somados as radicais mudanças no mercado de trabalho, exigem uma escola e uma Geografia voltadas não somente para desenvolver a inteligência dos educandos, o senso crítico, a criatividade e a iniciativa individual, mas também voltada para discutir os grandes problemas do mundo.

O ENSINO DE GEOGRAFIA

No Brasil existe uma divisão estrutural entre os que “pensam e os que fazem”. Os que pensam a educação de forma científica e responsável, mas não a fazem, pois as políticas de implementação do ensino geralmente são idealizadas e implantadas pelos agentes políticos e por pessoas que não possuem um conhecimento aprofundado sobre o sistema educacional. Identifica-se assim o atraso da institucionalização da Escola, da Geografia, posto que até hoje a Educação encontra-se atrelada aos interesses políticos, que indiretamente, na maioria dos casos optam em condicionar as “massas” à desinformação, a fim de manipulá-las.

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. Nesse sentido, as diferentes atribuições curriculares que se referem ao conteúdo, à metodologia, a avaliação, a organização e a inovação do/no ensino - são assumidas pelos diversos agentes de sua implementação: o Estado, as comunidades, a Escola e o Professor.

Ainda convém lembrar, que na década de 1970, enquanto a Universidade buscava novos paradigmas teóricos no âmbito do conhecimento em Geografia, a escola pública de primeiro e segundo grau, hoje ensino fundamental e médio, enfrentava um problema ocasionado pela lei 5.692/71: a criação dos Estudos Sociais com a eliminação gradativa da História e da Geografia da grade curricular.

Muitos pensadores da Educação afirmaram que os estudos sociais apresentavam um conteúdo difuso e mal determinado... ora aparecendo como sinônimo de Geografia Humana, ora usurpando o lugar das ciências sociais ou da História, ou pretendendo impor-se como uma espécie de aglutinação de todas as Ciências humanas. Os licenciados egressos, sobretudo, das Universidades Públicas ou que acompanhavam os vários eventos da AGB vinham participando dos debates entre os representantes das diferentes tendências da Geografia produzidas nas Universidades e que, direta ou indiretamente, influenciavam o ensino fundamental e médio, até que revitalizassem o ensino da geografia, e dinamizando formas de melhorar o ensino.

Até os dias atuais, a Geografia, assim como outras Ciências Humanas e Sociais é relegada a segundo plano dentre as prioridades da estruturação do ensino básico. Esse aspecto é observável nas pesquisas realizadas nas escolas públicas de Campina Grande, durante o

Estágio Supervisionado I, a exemplo da E.E.E.F. de Aplicação, E.E.E.F.M. Sen. Argemiro de Figueiredo (POLIVALENTE), dentre outras, onde os horários das aulas de Geografia encontram-se fragmentados, reduzidos e dispostos de forma cansativa para os alunos, geralmente nos últimos horários.

Ainda convém ressaltar que as propostas recentes do Ministério da Educação (MEC) estão voltadas para criar mecanismos de fusão das ciências, minimizando o espaço que a Geografia, ao longo de sua trajetória, conquistou. Para ilustrar essa afirmação o MEC apresentou a proposta do novo modelo do Exame Nacional do ensino Médio (ENEM), onde todas as Ciências Sociais estão resumidas a um tópico: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Assim, a Educação regride para uma estrutura organizacional que já havia sido superada pelo seu insucesso.

A ESCOLA HOSPEDEIRA

A escola não pode ser considerada um espaço físico para aplicação de técnicas, mas uma dimensão politicamente constituída. Disto resulta outro aspecto destacado na prática dos estagiários: a desvinculação entre o plano de aula, o plano de curso e o plano da escola, incluindo-se a constatação da ausência ou incompletude do projeto político-pedagógico. O foco dos estágios incide na aplicação/execução de técnicas de ensino e contribui para a perda da dimensão pedagógica do contexto escolar, aspecto fundamental para o trabalho do professor.

A rede escolar conveniada a Universidade Estadual da Paraíba é composta por 14 escolas, que oferecem turmas nos níveis fundamental e médio regular, além de cursos profissionalizantes e EJA. O número de matrículas na rede estadual supera a rede privada, daí a importância das pesquisas para melhorar a qualidade do ensino na educação básica. (LEANDRO, OLIVEIRA e MARTINS 2009).

O Estágio da Licenciatura em geografia da UEPB, Campus I, apresenta algumas características que devem ser repensadas, a exemplo temos o fato de que os alunos das Licenciaturas só visitam e realizam atividades nas escolas a partir do 2º ano de formação, não se aproximando da realidade na qual irão atuar logo nos primeiros momentos do curso de Licenciatura, uma vez que a docência é o papel primordial que o licenciado irá desempenhar. Ainda convém lembrar que a concepção e prática do estágio resumiram-se, em muitos casos, a aplicações de técnicas de ensino, mecanizadas e que desconsideram o papel político, social e pedagógico do professor.

Os Estágios são realizados na rede escolar conveniada a UEPB e constituem componentes curriculares nos últimos períodos do Curso de Geografia. Em 2008, verificou-se a introdução dos componentes Estágio Supervisionado I e Estágio Supervisionado II, em substituição a Prática Pedagógica em Geografia III e Prática Pedagógica em Geografia IV, respectivamente. Assim, o caráter de supervisão nos estágios assume uma importância ainda maior a partir dos novos componentes curriculares.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação foi o local escolhido para a realização do estágio. Situada na Avenida Severino Bezerra Cabral S/N, bairro do Catolé, Campina Grande-PB, funciona nos turnos diurnos (manhã, tarde) e atende a um total de 1 100 alunos, pertencentes à classe média baixa, que moram nas adjacências da Escola, distribuídos em 28 turmas do primeiro ao nono ano do ensino fundamental.

De acordo com a documentação obtida junto à escola, sua fundação ocorreu em 1928 e funciona em anexo a Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia. A Escola possui um terreno de 11.428 m² quadrados e 1.070 m² de área construída, disponível para atividades pedagógicas, 13 salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de informática, um ginásio de esportes e uma sala de EPA (Estudo, planejamento e acompanhamento) e ainda possui rampas que facilitam o acesso e quadros opcionais. O corpo técnico da Escola é composto por uma Gestora e duas adjuntas, uma Psicóloga, uma orientadora educacional, três supervisoras e 29 funcionários administrativos e de apoio. O quadro docente consta de 46 professores.

Mantida pelo Governo do Estado da Paraíba, através da Secretaria de Educação e Cultura, também recebe recursos do FUNDEB (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica) e da PEA (Programa Estadual de Alimentação Escolar). A Escola conta com um Conselho Escolar, que tem como objetivo estimular a maior integração entre escola, família

e comunidade, colaborar no aprimoramento do processo escolar, assistindo o educando em sua necessidade, a fim de melhorar qualitativamente e quantitativamente o processo de ensino-aprendizagem; promover a ação integrada dos setores técnicos, pedagógicos e administrativos, visando a melhoria do ensino. A Escola dispõe de um retroprojeto, um aparelho de TV, um DVD, um *microsystem*, além de mapas. Em cada sala de aula foram expostas em quadros frases célebres de importantes Pensadores e Filósofos para estimular a reflexão dos alunos.

Segundo Passini (2007) o papel fundamental da Escola envolve a formação de cidadãos pensantes, que tenham opinião, saibam fazer escolhas e tomar decisões, saibam lutar por seus direitos e cumpram seus deveres dentro de uma sociedade. A Escola é o lugar onde os alunos deveriam exercitar a cidadania, a autonomia, a criticidade, a responsabilidade, construindo seu conhecimento moral, procedimental e conceitual, aspecto ainda distante da realidade da maioria das escolas públicas.

Na referida Escola percebeu-se iniciativas no sentido de promover a cidadania, objetivando formar sujeitos responsáveis, no entanto, ações isoladas sem mobilizar toda a escola, não surtem os efeitos desejados. Quanto ao PPP (Projeto Político Pedagógico) é bastante resumido, sem apresentar claramente o conjunto de procedimentos e ações a serem adotadas e os objetivos que devem ser alcançados por toda a Escola, na verdade, existe a necessidade do mesmo ser revisto, melhorado e atualizado.

O ESTÁGIO

Professor Regente

O Estágio foi bastante proveitoso. Inicialmente foram observadas as aulas ministradas pela professora regente, na Turma do nono ano “C”. Observou-se a metodologia utilizada, predominantemente aulas expositivas, utilizando quadro branco, baseadas no livro didático: “Construindo o Espaço”, de Igor Moreira e Elizabeth Auricchio. A metodologia utilizada não estimulava muito o interesse dos alunos, pois estes se dispersavam do foco da aula facilmente e não colaboravam muito para o desencadear das idéias e conceitos.

Em alguns momentos, foi possível a Professora estabelecer debates sobre o conteúdo trabalhado: O continente Asiático, seus aspectos principais, localização e organização política. Durante seis aulas de observações, cada aula com duração de 45 minutos, verificou-se que o aluno não se sente envolvido, como se o processo de ensino e aprendizagem estivesse muito distante dele e de sua realidade.

Os conteúdos específicos ministrados pela professora regente foram os seguintes: O Extremo Oriente Socialista, Continente Asiático e Introdução ao continente Africano. Paralelamente a exposição desses conteúdos, aplicavam-se atividades de fixação, que podiam ser respondidas em grupos ou individualmente, exercícios eram entregues e corrigidos e passados trabalhos extraclasse. Essas atividades eram do tipo objetivas, ou seja, perguntas que tinham respostas curtas, diretas e que não promoviam muito o potencial de escrita dos alunos nem o desenvolvimento da oralidade e exposição de idéias. Um aspecto bastante positivo na exposição da Professora foi a retomada dos conhecimentos e conteúdos que já haviam sido estudados, a fim de contextualizar e sequenciar logicamente o conteúdo trabalhado.

Os horários das aulas eram os últimos, de modo que os alunos já se encontravam um pouco cansados, eufóricos para que a aula acabasse, alguns inclusive nem assistiam as aulas até o final. Daí a necessidade de mecanismos que prendessem a atenção dos alunos, atividades mais enérgicas e procedimentos menos repetitivos. No entanto, convém lembrar que a referida Escola não dispõe de muitos recursos, alguns aparelhos eletrônicos existentes na escola são de difícil acesso, pequena quantidade e apresentaram defeitos técnicos.

Professores Estagiários

Como já havia uma relação prévia estabelecida com os alunos, tendo em vista o processo de observação, que antecedeu o Estágio propriamente, a preocupação inicial foi como conduzir uma aula, no que diz respeito ao tempo programado de apresentação dos conteúdos, bem como as dificuldades em cativar a participação dos alunos, visando tomar o processo de ensino e aprendizagem envolvente e dinâmico e com relação à escolha do conteúdo para ser abordado.

1º Aula

Observou-se que, a princípio, o interesse dos alunos era mínimo, a maioria está na faixa etária dos 13 aos 16 anos, reclamando das aulas tradicionais que por muito tempo eram predominantes em seu cotidiano e não se interessavam pelas discussões. Apesar de se tratar de uma turma pequena que, a princípio, deveria se dedicar e ser bastante articulada, era composta por alunos oriundos de turmas de correção de fluxo e alguns fora da faixa etária. No entanto, com o decorrer das aulas, gradativamente, houve a integração da turma, e a aprendizagem começou a ser refletida.

Foi realizada uma dinâmica de apresentação mais detalhada com os alunos, para conhecer a realidade vivenciada por cada um, seus gostos musicais, seus interesses para com a Escola, seus objetivos de vida, enfim, quebrar um pouco a formalidade da sala de aula e da relação professor-aluno. Essa dinâmica de grupo consistia em um aluno apresentar o outro, falando em voz alta suas principais características.

Esse momento foi de fundamental importância para a continuação das aulas, uma vez que foram criados vínculos e uma familiarização com os alunos. Os assuntos abordados foram relacionados à África, e seus aspectos de pobreza/riqueza e desigualdades sociais. A explanação do conteúdo foi feita de maneira expositiva e interativa, utilizando um mapa-mundi, partindo dos conhecimentos prévios que os alunos possuíam.

A interação e dinâmica da aula foram satisfatórias, não apenas pelo fato de ter sido diferente, inovadora ao estimular a participação dos alunos, mas também por ser novidade para eles a presença de estagiários, vistos como “professores diferentes”, fugindo assim, do cotidiano escolar. Aproximadamente 50% do tempo da aula foi utilizado para a apresentação da proposta de um mini-projeto didático, cujo título foi o seguinte: Plantando leitura, colhendo leitores. Devido ao curto espaço de tempo para transpor, desenvolver e avaliar, a opção por se trabalhar um mini-projeto em sala de aula foi da professora do componente curricular Estágio Supervisionado I.

Segundo Martins (2007), o Projeto é uma proposta lógica de trabalho, sistematizado de acordo com o modelo científico, que permite realizar investigação sobre determinado tema ou assunto, é constituído de etapas e de um planejamento detalhado. São instrumentos que propiciam a aprendizagem pelo saber fazer e como fazer, criando situações dinâmicas estabelecendo relações dinâmicas pela descoberta, por meio de ações sequenciadas sistematizadas.

Para que os alunos exercitem a capacidade de elaborar e executar projetos, é indispensável que o professor domine as etapas desse processo, assumindo uma atitude de facilitador e orientador e mostrando-se apto a avaliar o desempenho de seus alunos (PONTUSCHKA, 2007).

MINI-PROJETO: Plantando leitura, colhendo leitores...

Introdução

É de conhecimento geral a importância da leitura no contexto escolar e especificamente para a Geografia, visto que frequentemente vários fatos ocorrem no campo dessa Ciência, particularmente ligados a atualidade.

Daí a necessidade de estimular os alunos a buscarem entrar em contato com esses acontecimentos, para compreenderem e analisarem os processos econômicos, políticos e sociais que refletem, diretamente ou indiretamente na realidade vivenciada pelos mesmos. Além disso, é interessante enfatizar que a leitura é importante para que o indivíduo seja um sujeito crítico e analítico, que saiba articular idéias e expor opiniões.

Objetivos

Objetivo geral: Despertar nos alunos o interesse pela leitura, a fim de que eles obtenham conhecimentos embasadores e compreendam melhor os processos geográficos, bem como ampliar o potencial de leitura de mundo. Objetivos específicos: identificar a importância da leitura, em todos os âmbitos; associar a leitura dos fatos atuais ao campo de abordagem da Geografia; direcionar os meios de comunicação que tenham credibilidade; expor organizadamente em forma de mural e dialogar sobre as informações obtidas, através da Leitura.

Metodologia

Através dos mais variados meios de comunicação e informação, os alunos procuraram reportagens relacionadas com temas geográficos, apresentaram oralmente e ilustradamente a fim de promover um debate ou possíveis comentários dos colegas. Após esse momento foi feito um mural para fixar as reportagens discutidas.

Cronograma

Aula	Descrição
1° Aula (21/10/2008) Duração: 45:00 min	Apresentação do mini-projeto, seus objetivos e metodologia.
2° Aula (23/10/2008) Duração: 45:00 min	Exposição e conversação sobre o material apresentado pelos alunos, e avaliação dos resultados.

Resultados esperados

Estimular a prática da leitura, a expressão oral e ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito dos veículos de comunicação e das notícias referentes à atualidade.

Resultados obtidos

O mini-projeto estimulou a leitura em sala de aula, discutindo os conceitos básicos de leitura e sua importância para a compreensão da Geografia, tendo sido solicitado que os alunos procurassem reportagens, matérias, jornais ou alguma informação que eles tivessem lido, relacionado a temas geográficos atuais e/ou ao conteúdo em pauta: a África, os mesmos apresentaram matérias e reportagens bastante variadas.

2° Aula

Na segunda e última aula, configurou-se mais como uma continuação da aula introdutória. No início da aula, utilizou-se o DVD durante 20 minutos para apresentar, de maneira sintética e objetiva, as principais características da África, mostrando ilustrações, dados, tabelas, de modo que agradou os alunos e correspondeu aos objetivos desejados. Ainda na segunda aula ocorreu a averiguação dos resultados do mini-projeto, ressaltando que nem todos os alunos se envolveram, pois se percebeu um bloqueio e inibição elevada com relação às práticas de leitura. Mas, a maior parte da turma participou de maneira ativa, apresentando a leitura realizada e expondo sua fonte de leitura em um mural na sala de aula. Na perspectiva de apresentar outra metodologia, utilizou-se a letra da música "Mama África" do cantor paraibano Chico Cesar, com o objetivo de estimular a leitura e interpretação da letra, porém o tempo não foi favorável e esta etapa ficou apenas no Planejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência prática didática proporcionada pelo Estágio Supervisionado é muito importante para a formação do profissional da educação, de modo que este componente deve ser oferecido logo no início dos cursos de licenciaturas, na perspectiva de que ao longo do processo de formação ocorra um somatório de experiências cada vez mais bem sucedidas, de conhecimentos mais aprofundados e procedimentos mais aperfeiçoados.

A contribuição efetiva do estágio se deu através da ligação entre Universidade - Escola, favorecendo a aplicação dos conhecimentos teóricos a realidade das escolas e possibilitando a análise de estratégias para solucionar os problemas encontrados.

O professor é concebido como elo entre o aluno e o conhecimento, e como estimulador do desenvolvimento das posturas críticas e sociais que o aluno deve incorporar, na perspectiva de formação de um cidadão atuante na sociedade.

Constatou-se que as dificuldades existem, tanto estruturais, como a carência de recursos e a desmotivação por parte dos alunos, quanto procedimentais, no que concerne ao mínimo de tempo para a realização prática dos estágios, porém, o Professor deve conhecer e assumir seu papel de agente transformador, tendo em vista a utilização dos procedimentos conceituais e atitudinais para a construção de uma Educação plena, capaz modificar as características históricas de desinformação e entaves da educação pública brasileira.

REFERÊNCIAS

- DINIZ-PEREIRA, Julio E. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação & Sociedade**, ano XX, n.68, p.109-125, Dez/1999.
- LEANDRO, A. G.; OLIVEIRA, M. M.; MARTINS, D. C. A Formação do professor de Geografia: uma discussão sobre a prática de ensino e o estágio supervisionado na UEPB. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS, 10., 2009, Campina Grande. **Anais**. Campina Grande: AGB, 2009. 01 CD.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOPES, Alice Casimiro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a submissão ao mundo produtivo: o caso do conceito de contextualização. **Educação e Sociedade**, n. 80, v.23, p. 386-400. Campinas, Set/2002.
- MALISZ, Sandra T. Estágio em parceria universidade-educação básica. In: PASSINI, Elza Y; PASSINI, Romão; Malysz, Sandra T. (Orgs.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MARTINS, Jorge Santos. **O Trabalho com Projetos de Pesquisa: Do ensino fundamental ao ensino médio**. 5° ed. São Paulo: Papirus, 2007.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Vol.3. Brasília: MEC/SEC, 2008.
- PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Orgs.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PIMENTA, Selma G.; LIMA, M^a do S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2009
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1° ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- VESENTINI, José William. Educação e Ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani (Org.). **A Geografia em sala de aula**. 2° ed. São Paulo: Contexto, 2000.